

O Erro de Nietzsche e a (não) Morte de Deus: o (des)encantamento do mundo

Donizete Rodrigues¹

Resumo

A partir da ideia de Nietzsche de que Deus está morto – princípio básico da secularização – e do conceito de religião, em uma perspectiva substantivista e funcionalista, este texto aborda a contribuição de alguns autores, clássicos (Marx, Weber, Durkheim, Freud) e modernos (Eliade, Bourdieu, Habermas, Hervieu-Léger, Grace Davie, Heelas), na importante discussão sobre o (des)encantamento do mundo. Outro tema em foco é o papel da religião na sociedade contemporânea, no contexto de um mundo “reencantado” com mudanças significativas no “mercado de bens simbólicos”, marcado por uma individualização/privatização da fé, desterritorialização do espaço sagrado, pluralismo religioso (com novas e difusas práticas religiosas) e pelo fenômeno do pentecostalismo.

Palavra-chave: Religião. Secularização. (Des)Encantamento do mundo. Pluralismo religioso. Pentecostalismo.

Introdução

A partir da ideia de Nietzsche de que Deus está morto – princípio básico da secularização – e do conceito de religião, em uma perspectiva substantivista e funcionalista, o objetivo deste texto é refletir sobre algumas contribuições teóricas de importantes autores, clássicos (Marx, Weber, Durkheim, Freud) e modernos (Eliade, Bourdieu, Habermas, Hervieu-Léger, Grace Davie, Heelas), na importante discussão sobre o (des)encantamento do mundo. Outro tema em foco é o papel da religião na sociedade contemporânea, no contexto de um mundo “reencantado”, com mudanças significativas no “mercado de bens simbólicos”, marcado por uma individualização/privatização da fé,

¹ *Doutor em Antropologia Social. Professor Associado com Agregação da Universidade da Beira Interior e Investigador-Sênior do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Portugal.*

desterritorialização do espaço sagrado, pluralismo religioso (com novas e difusas práticas religiosas) e pelo fenômeno do (neo)pentecostalismo.

Começo a minha reflexão pelo título deste artigo: é notório que me inspirei no filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) que, na sua obra *O Anticristo* (2014[1895]), uma violenta crítica ao cristianismo, usou a famosa expressão “Deus está morto” (*Gott ist tot*)². Como vamos perceber, Deus não está morto, nunca esteve.³

Ao falar de Deus (domínio da Teologia, um tema deveras complexo e que exige sempre um diálogo cuidado entre a Filosofia e a Sociologia), é necessário definir o que é religião. Tarefa inglória, pois existe um número enorme de definições; eu próprio gastei quase uma centena de páginas para definir este conceito, no livro *O Que é Religião? A visão das ciências sociais* (2013).

Tentando fundir as correntes teóricas substantivista weberiana e funcionalista durkheimiana, podemos afirmar que a religião, que é do domínio da cultura, tem em si um sistema de ações, na qual os seus participantes articulam tipos específicos de práxis, experiência e significação de mundo (TILLICH, 2009). Como expressão simbólica das experiências sociais, como fenômeno social, como subsistema cultural/social, é de primordial importância na análise histórica, sociológica e antropológica de todas as sociedades humanas. É um elemento determinante para a compreensão da vida social, das práticas institucionais, para entender as experiências quotidianas e os processos de mudança social, em uma escala local, nacional e global.

Durante a Idade Média (entre os séculos V e XV), com o poder hegemônico da Igreja Católica, o modelo (pré) científico explicativo do mundo (e do Homem) que predominava era o de Aristóteles (384-322 a.C.) – digamos assim, o filósofo oficial da Igreja – que irá exercer uma forte influência nos dois grandes nomes da denominada Filosofia Escolástica, Santo Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274).

2 Ainda sobre a justificativa do título: é pertinente dizer que a ideia do ‘Erro’ foi inspirada na obra *O Erro de Descartes* (2011), do neurocientista português António Damásio, publicada originalmente em 1994.

3 Estabelecer, sociologicamente, a complexa correlação entre a ideia de “morte de Deus” de Nietzsche e a realidade da religião na sociedade ocidental não é tarefa fácil. Além disso, haveria matéria suficiente para um novo artigo. Sobre este tema, e em uma perspectiva mais filosófica, sugiro a leitura atenta do livro de Scarlett Marton, Nietzsche: das Forças Cósmicas aos Valores Humanos (1990). Agradeço ao parecerista deste artigo a indicação desta interessante obra.

Após as trevas, a Luz (do Iluminismo). Um grande marco na história do pensamento científico é o surgimento da modernidade, baseada na racionalidade – que muito deve ao filósofo francês Descartes (1596-1650) – e a constituição das ciências sociais, que nasceram evolucionistas e seculares. Vejamos, resumidamente, algumas ideias e perspectivas dos teóricos clássicos sobre este tema (RODRIGUES, 2007).

O filósofo e historiador britânico David Hume (1711-1776), com a sua obra *Natural History of Religion* (1757), teve um papel primordial no estudo da religião. Hume argumentou que a religião surgiu por causa das preocupações e medo sofridos pelo Homem na sua vida quotidiana.

No entanto, inspirado em David Hume, a possibilidade de observar e estudar a religião como uma manifestação cultural (e moral) surgiu apenas com Immanuel Kant (1724-1804), por meio, principalmente, da sua célebre obra *Crítica da Razão Pura* (2008 [1781]).

O filósofo positivista francês Auguste Comte (1798-1857) – cujas ideias influenciaram a formação do Brasil republicano, materializadas na bandeira nacional, com as palavras “ordem e progresso” – resume o desenvolvimento do pensamento científico em três etapas: partindo do simbólico-religioso e culminando com o estágio lógico-científico. Comte critica a religião (leia-se Igreja Católica) como modelo explicativo e cria, em alternativa, uma física social (Sociologia) para explicar a sociedade.

Agora que já estamos no campo da Sociologia, quem não conhece a famosa frase “a religião é o ópio do povo”, citada por Karl Marx (1818-1883), leitor atento de Friedrich Hegel (1770-1831). No entanto, temos aqui que repor a verdade: esta ideia, popularizada por Marx, já tinha sido expressa por Immanuel Kant e pelo mentor de Marx, Ludwig Feuerbach (1804-1872). Para resumir as ideias de Marx, este considerava a religião uma forma de alienação, uma falsa consciência, que defende os interesses da classe dominante/elite política e é uma poderosa força de controlo social.

Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista austríaco e criador da psicanálise, na obra *O Futuro de Uma Ilusão* (1927), afirma que a religião é dispensável, uma ilusão, um sistema de falsas crenças. Interessante que, com o propósito de criticar a religião, Freud acabou por legar, por meio das suas

várias obras, algumas delas de pendor antropológico, uma enorme contribuição teórica no estudo da religião.

Após Comte e Marx, analisaremos agora os dois principais pais fundadores da Sociologia: Durkheim e Weber.

O francês Émile Durkheim (1858-1917) centra a sua análise da religião na importância do coletivo, na “consciência coletiva”. De acordo com a sua teoria funcionalista, a religião é um subsistema cultural/social, um produto da sociedade; é uma força vital e unificadora, possuindo uma função conciliadora entre os conflitantes interesses existentes no interior da sociedade (DURKHEIM, 1996 [1912]).

O alemão Max Weber (1864-1920), ao falar da importância histórica da religião, faz uma relação direta entre modernidade-razionalidade-pensamento científico-reforma protestante (com a sua ética do trabalho árduo/*hard work*) e o desenvolvimento do capitalismo (de base calvinista), sistema primordial de produção de riqueza. Na perspectiva weberiana, a relação modernidade/secularização/desencantamento do mundo implica, fundamentalmente, duas mudanças principais na maneira de pensar (e explicar) o mundo: a *dessacralização* das atitudes humanas e a *racionalização* do pensamento, ou seja, o uso da lógica e não do simbólico-religioso na explicação dos fatos sociais (WEBER, 1922).

O romeno Mircea Eliade (1907-1986), na sua conhecida obra *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* (1999), ao defender a secularização, critica a religião de uma forma bastante radical quando determina que o Homem precisa dessacralizar o mundo, pois o sagrado é o obstáculo da sua liberdade. Para este filósofo e historiador das religiões, o Homem apenas se tornará ele próprio no momento em que estiver radicalmente dessacralizado, somente será verdadeiramente livre no momento em que tiver eliminado o último Deus.

Mas a teoria da secularização, do desencantamento do mundo weberiano (PIERUCCI, 2003) tem os dias contados. Principalmente a partir da década de 1960, em função do reencantamento do mundo, da revalorização da religião, materializada na proliferação de novos movimentos religiosos, a teoria da secularização passou a ser fortemente criticada. De fato, o que está a ocorrer na pós-modernidade é uma adaptação das várias religiões e práticas religiosas ao mundo de hoje.

Neste complexo contexto “reencantado”, de dimensão mundial, o fenômeno migratório internacional, principalmente depois da II Guerra Mundial, foi (e ainda continua a ser) extremamente importante na criação, expansão, dispersão e globalização de novos movimentos religiosos, com um grande destaque para o pentecostalismo, abrangendo principalmente o triângulo América Latina (Brasil)-Estados Unidos-Europa, mas hoje com um expressivo aumento em África e na Ásia.⁴

O fenômeno do pentecostalismo, protestante e católico, surgiu nos Estados Unidos no início do século XX – com um (novo) reavivamento na década de 1960 (denominado neo-pentecostalismo) – e rapidamente se expandiu para diferentes partes do mundo, nomeadamente para a América Latina, com especial destaque para o Brasil. Em consequência disso, é hoje um dos maiores movimentos religiosos do mundo (com cerca de 560 milhões de fiéis) e o Brasil o país com maior número de seguidores do mundo. Há uma previsão de que o Brasil, ainda católico, será maioritariamente evangélico em 2020; porém, conscientes de que não devemos fazer “futurologia sociológica”, temos de esperar pelos novos dados estatísticos.

Nas últimas três décadas, o Brasil iniciou um contínuo e expressivo processo de exportação de movimentos religiosos e de missionários. Seguindo os grandes fluxos migratórios – principalmente para os Estados Unidos, Europa e Japão – os movimentos religiosos desempenham, neste contexto da diáspora, um importante papel na manutenção da identidade étnica, cultural, linguística e religiosa dos imigrantes brasileiros. No entanto, extrapolando a sua “fronteira étnica”, desenvolvem intensos trabalhos proselitistas com outros imigrantes e também com nacionais (ROCHA; VÁSQUEZ, 2016).

4 Depois da forte cristianização da Coreia do Sul, o protestantismo-pentecostal está a ganhar espaço em vários países asiáticos. Em 2016, comecei uma pesquisa etnográfica na Tailândia, Vietnã, Camboja e Japão e pude testemunhar, no terreno, o grande avanço do cristianismo nestes países. No início da presente década, por exemplo, a sociedade cambojana era marcadamente budista (cerca de 95% da população), com uma pequena minoria animista (tribos da montanha), de hindus e islâmicos e pouquíssimos cristãos. Em função da presença e do forte proselitismo de missionários protestantes norte-americanos, hoje 3,6% da população já está convertida, principalmente jovens; a previsão para 2020 é de 9,2% de evangélicos. Ver Christianity in its Global Context (1970–2020) - Society, Religion, and Mission (AAVV, 2013). Para além de uma vasta bibliografia antropológica e sociológica sobre este tema, conferir, também, as várias publicações do Pew Research Center (EUA).

A forte expansão do pentecostalismo, a partir da América Latina para os Estados Unidos e Europa, ocorre dentro da denominada *reverse mission* (missão inversa). Surgidas a partir do trabalho de evangelização do Protestantismo europeu e Pentecostal norte-americano, as igrejas evangélicas, principalmente brasileiras, consideram-se responsáveis pela importante “missão divina” de (re) cristianizar os Estados Unidos – que se desviaram da moral e da “verdadeira” prática protestante (RODRIGUES, 2016) – e de reavivar a fé na Europa, que passa por um forte processo de secularização/laicização (BRUCE, 2002).

Para finalizar esta questão, é pertinente realçar que o processo de globalização e os grandes fluxos migratórios transcontinentais provocam significativas mudanças sociais. A principal consequência deste fenômeno migratório – de pessoas e religiões – é que as sociedades contemporâneas estão cada vez mais plurais, do ponto de vista étnico, cultural, identitário e religioso.

Para entender este complexo fenômeno, é necessário dar resposta a este importante desafio sociológico: qual o papel da religião hoje?

Como percebemos, a globalização, entre outras influências, também tem provocado grandes mudanças no campo religioso, em todas as partes do mundo. Há, de uma forma geral, duas questões fundamentais que devem ser analisadas; por um lado, qual é o papel da religião nesse processo de transformação mundial e, por outro lado, de que forma a globalização afeta a religião.

A migração internacional (africana e asiática) – principalmente de povos de tradição não cristã – para as sociedades mais industrializadas, provoca grandes transformações religiosas (veja o caso da expressiva presença de muçulmanos na Europa) e suscita importantes questões que envolvem a relação entre religião, etnicidade, identidade e nacionalismo.

As questões relacionadas com o pentecostalismo protestante e o movimento católico de renovação carismática – e os seus processos diaspóricos – estão a exigir uma dedicação intensiva das ciências sociais e das denominadas ciências da religião ou ciência das religiões: liderança carismática, proselitismo, o papel dos meios de comunicação de massa (a mídia), conservadorismo (homofobia), migração, economia, política, são temas que estão a exigir muita pesquisa e reflexão.

Com a desinstitucionalização da vida religiosa, em função da perda do monopólio religioso pelas Igrejas/religiões históricas, ocorreu uma importante

recomposição no campo religioso: um grande aumento do “mercado de bens simbólicos”, na lógica do antropólogo/sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). Existe hoje um grande e difuso pluralismo religioso; surgem, diariamente, ofertas religiosas cristãs e não cristãs que emanam de grupos ou de movimentos menos organizados do que as Igrejas. O campo religioso constitui-se em um “mercado da fé” mais alargado, disseminado e onde se desenvolve uma religiosidade difusa e uma “autonomia religiosa”, onde cada pessoa pode criar a sua própria maneira de buscar e viver o religioso. Essas questões exigem grandes reflexões teóricas e muita pesquisa no terreno para uma melhor compreensão do fenômeno.

É ainda pertinente realçar que, embora as confissões religiosas continuem a ser os principais produtores de sentido e de bens de salvação (BOURDIEU, 1986), a religião é cada vez mais uma questão privada e, sobretudo, individual. Ou seja, ocorre cada vez mais, no contexto da pós-modernidade, um processo de individualização da religião, de privatização da fé.

Quando falamos de individualização da religião, é pertinente recorrer às ideias da socióloga britânica Grace Davie (1994), que criou a expressão *believing without belonging*: significa crer, sem, contudo, pertencer formalmente a uma instituição religiosa. A socióloga francesa Hervieu-Léger (2006), no entanto, nos chama à atenção para o fato de que existe também uma situação inversa: *belonging without believing*: pertencer a uma igreja ou instituição religiosa sem contudo crer nos seus ensinamentos e práticas religiosas.

Com a privatização da fé (a prática do *self-service* religioso, da religião *à la carte* e *do it yourself*) e a desterritorialização do espaço sagrado (veja a contribuição da emergente Geografia da religião nesta matéria), hoje a religião é facilmente encontrada e “consumida” no “megamercado da fé”: centro comercial, estádio de futebol⁵, circuito de Fórmula 1⁶, aeroporto⁷, rádio, cinema, televisão e internet. As pessoas hoje podem, inclusive, encontrar Jesus

5 Segundo Adogame (2015), na última década, houve um enorme aumento de estudos sobre a relação entre religião (no contexto do cristianismo) e desporto. Neste contexto, é de realçar a expressiva relação entre religião e futebol, materializada, por exemplo, no importante movimento evangélico “Atletas de Cristo” (RODRIGUES, 2006).

6 Em 2010, a Igreja Universal do Reino de Deus organizou um megaevento neopentecostal no circuito de Interlagos, em São Paulo. É pertinente realçar que Interlagos é um “chão-sagrado”, palco (pista) de “consagração” do mito brasileiro Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1, ele próprio um místico-religioso fervoroso.

7 Veja o caso do movimento pentecostal “Toronto Airport Christian Fellowship” (POLOMA, 2003).

na Disneylândia, como foi o caso do megaevento de reavivamento evangélico realizado em Los Angeles⁸.

Após o grande desenvolvimento e massificação do uso da internet, em uma escala mundial, as igrejas e as religiões históricas e os milhares de novos movimentos religiosos passaram a utilizar este importante meio de comunicação de massa para divulgar as suas mensagens religiosas como forma de proselitismo. Há mesmo igrejas que somente existem na internet, sem ocupar um espaço físico, real – as denominadas igrejas virtuais e religiões online. No ciberespaço, as pessoas podem: ler sobre religião; falar com outras pessoas sobre religião e sobre as suas experiências místicas-religiosas (participar em fóruns e *chats* – grupo de conversação); consultar e fazer “*download*” de documentos e livros sagrados; ver imagens de líderes, vídeos, ouvir músicas, sermões, pregações, testemunhos, missas, cultos e outros rituais; participar, online, de rituais religiosos, meditação e peregrinação virtual etc. (DAWSON; COWAN, 2004).

Outra questão importante, no processo de reencantamento do mundo, é a ideia de “Fim do Mundo”, que gera ainda mais incertezas e medos. Apoiadas na *Bíblia*, principalmente no Livro do Apocalipse, muitas pessoas acreditam no fim do mundo (as grandes catástrofes naturais eram, e ainda são, consideradas como avisos do Juízo Final), e recorrem às diferentes religiões, igrejas e práticas religiosas em busca da salvação da alma; daí a valorização do aspecto mágico-religioso na vida cotidiana e a proliferação de novos movimentos religiosos, incluindo as polêmicas seitas milenaristas.

Neste complexo mercado religioso da pós-modernidade, é de realçar o fenômeno *New Age* (Nova Era), uma rica amálgama de filosofias e práticas místicas, esotéricas, espirituais e religiosas, com a incorporação de elementos da cultura Celta – mitos, lendas, rituais e símbolos – além da influência do neopaganismo e da bruxaria/feitiçaria europeia denominada Wicca (HEELAS, 1996). Neste contexto, é de realçar também a ampla (e lucrativa) literatura esotérica-espiritualista (na linha do escritor brasileiro Paulo Coelho), que defende uma busca interior, uma terapêutica de autoconhecimento e o desenvolvimento do potencial humano.

8 Sobre este assunto, consultar o interessante livro de David Lyon, *Jesus in Disneyland* (2000).

A conjuntura social atual apresenta duas problemáticas religiosas principais e que exigem a atenção dos cientistas sociais: por um lado, as crenças difusas, a tendência para o sincretismo e a atração pelo esoterismo e, por outro, o fortalecimento dos extremismos religiosos, caracterizados pelo fundamentalismo no seio das grandes religiões históricas: hinduísmo, judaísmo e do mais problemático ultimamente, o islamismo. Mas não basta falar dos outros. Também temos de falar do fundamentalismo no contexto do cristianismo, particularmente nas seitas protestantes radicais (principalmente nos Estados Unidos) e dos segmentos religiosos conservadores no Brasil, com forte poder político, materializado na “bancada católica e evangélica” presente em vários Estados e principalmente em Brasília.

Esta questão remete para o problema da religião e/no espaço público. Após a teoria da racionalidade-secularização de Max Weber, agora no contexto da (pós)modernidade, umas das problemáticas mais importantes – e que merece uma ampla e profunda reflexão sociológica – é a presença da religião no espaço público, em particular as (quase sempre) conflituosas relações entre a sociedade, a religião/igreja oficial e o Estado.

Segundo o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, em *Mudança Estrutural na Esfera Pública* (2003), a separação entre a sociedade e o Estado, entre a esfera privada e a esfera pública, é resultado da modernidade. No contexto das sociedades contemporâneas, o espaço público, que é plural (por causa das variadas forças em negociação e disputa), é uma arena, um campo (formal e informal), onde se realiza o debate público, onde os assuntos de interesse geral podem ser discutidos, onde as opiniões dos atores privados são formadas (e/ou moldadas). Como consequência, é neste campo que as reivindicações e as ações de grupos/classes são estruturadas, visando a influenciar e pressionar o poder político para a satisfação de seus interesses. É nessa mediação, nesse jogo de interesses e conflitos entre sociedade civil e Estado/governo que entra também a religião, como uma poderosa força política real e não somente simbólica.

Trazendo a teoria habermasiana – particularmente a ideia de que não há uma demarcação rígida entre a esfera privada (marcada pela reserva, intimidade, segredos) e a esfera pública (com alta visibilidade e publicidade social) – para a discussão do campo simbólico-religioso (na lógica de Pierre

Bourdieu), podemos considerar que a religião apresenta, simultaneamente, os dois domínios: o da esfera privada (pessoal) e o da esfera pública (coletiva), ambos dialogando com a terceira força mediadora: o Estado.

A religiosidade (que é a prática, a vivência religiosa-espiritual quotidiana, o processo interpretativo da religião, ou seja, do *corpus* teórico-teológico do sistema simbólico-religioso) reflete as experiências pessoais de vida, marcadas pelas condições culturais, socioeconômicas, educacionais. As experiências religiosas afetam, em um primeiro plano, o âmbito pessoal, a história de vida, a família, os amigos. Posteriormente, se atingir uma dimensão maior, serão legitimadas pela religião/Igreja da qual faz parte e, assim, entrará na esfera pública, no debate público, e no embate político de reivindicações e defesa de seus interesses junto ao Estado (RODRIGUES, 2007).

Já que abordamos esse assunto, outra linha de pesquisa muito importante é a relação entre religião e política (onde a leitura de Max Weber é também obrigatória), particularmente o estudo da forte influência do pentecostalismo-protestante na formação de movimentos e partidos dominados por evangélicos em diferentes sociedades do mundo: Brasil, em particular (BAPTISTA, 2009). Mas vejam também o caso dos EUA, nomeadamente na região denominada de *Bible belt*, dominada por evangélicos ultraconservadores e fundamentalistas que ajudaram a eleger o *born-again* George W. Bush e, mais recentemente, Donald Trump.

Para além do turismo religioso, que existe em larga escala em todas as religiões e não somente no cristianismo-católico, outro importante fenômeno – e que se insere no contexto da religiosidade popular – é a peregrinação (VILAÇA, 2010), principalmente aos santuários de Aparecida (Brasil), Fátima (Portugal) e Santiago de Compostela (Espanha). Para uma fundamentação teórica sobre o turismo religioso e a peregrinação, são de leitura obrigatória Durkheim (1996 [1912]), Gennep (1960), Turner e Turner (1978), Hervieu-Léger (1999) e Bauman (2011).

Temos também de estar atentos às questões fundamentais relacionadas com a dimensão religiosa de específicos e novos problemas sociais, morais e identitários, que estão a suscitar grandes e polarizados debates nas sociedades:

- A definição de religião com propósitos legais e jurídicos: o direito das mulheres (o caso da mutilação genital feminina), principalmente nos

países europeus com forte presença de muçulmanos, desencadeando um forte debate entre relativismo cultural e os universais direitos humanos; direitos das minorias étnicas e religiosas; o caso das seitas religiosas e da liberdade religiosa. Nestes dois últimos casos, com uma grande contribuição dos cientistas sociais, especialistas no tema, que são chamados para contribuir com os governos e as instituições nacionais na criação de leis e regulamentos sobre minorias religiosas e determinação dos seus direitos/deveres.⁹

- A relação Estado-Igreja e o papel do Estado (secular) na regulação do mercado religioso: a questão do ensino da religião nas escolas e da (in)tolerância das práticas religiosas nos espaços públicos.
- A ética biomédica: conceito científico e religioso de vida (quando começa?) e a relação com o aborto clínico; a questão da pesquisa/manipulação das células estaminais; clonagem humana.
- O conceito científico e religioso de morte¹⁰ e a questão da eutanásia.
- Autodeterminação nacional e de grupo étnico-religioso: veja o caso dos Sikhs no Reino Unido.
- Religião, conservadorismo e moral sexual: o caso da homofobia e da discussão sobre o casamento homoafetivo e da (não) adoção de crianças por casais homossexuais.
- Religião e saúde: construção social e cultural do conceito de doença – ligação corpo, mente e alma; reconhecimento (ou não) das práticas de curas alternativas.

2 Para finalizar...

Como analisámos, a realidade religiosa hoje é muito complexa. O antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1978) chama à atenção que esta

9 *Eu próprio contribuí, em 1999, com o Parlamento Europeu: para produzir legislação sobre a atuação das minorias religiosas, seus juristas traduziram partes de alguns dos meus trabalhos antropológicos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus; com uma presença polémica, na altura a IURD estava conotada como seita religiosa, o que implicava reduções dos seus direitos de livre atuação como igreja em vários países europeus.*

10 *Sobre esta questão, ver a interessante obra de David Clark, The Sociology of Death (1993).*

nova mobilidade/disseminação religiosa (ligada ao sentido, identidade e poder) não ocorre de maneira uniforme. Portanto, os cientistas sociais devem estar atentos às inúmeras e variadas expressões do fenômeno religioso.

Com base nessas reflexões, uma das conclusões a que podemos chegar é que o religioso não perdeu importância com a modernidade. O que ocorreu foi uma adaptação das diferentes religiões e práticas religiosas ao mundo de hoje. Na verdade, não há uma redução do espaço da religião na vida coletiva, o que ocorre é uma mudança da sociedade como um todo e da própria religião enquanto fenômeno social.

Ao contrário do que disse Nietzsche, Deus não está morto. Na verdade, não é a religião, em si mesma, que está em causa, nem sequer a crença em uma ordem de transcendência, mas unicamente as religiões históricas e as formas tradicionais de crer. Podemos concluir, portanto, que a religião não acabou, nem nunca acabará – é uma dimensão permanente da realidade social.

A Antropologia/Sociologia da religião tem como objetivo geral analisar as múltiplas formas de inter-relações entre religião e sociedade. No entanto, considerando que na pós-modernidade – e com o processo de globalização – a fronteira do campo religioso se tornou imprecisa, a tarefa de compreender o papel da religião na sociedade contemporânea não é fácil, mas necessária.

Referências

AAVV. **Christianity in its Global Context (1970–2020)** – Society, Religion, and Mission. South Hamilton, MA: Center for the Study of Global Christianity/Gordon-Conwell Theological Seminary, 2013.

ADOGAME, A. Religion and Sport: past, present and future. **Studies in World Christianity**, v. 21, n. 3, p. 193-200, 2015.

BAPTISTA, S. **Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira**: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Annablume, 2009.

BAUMAN, Z. From Pilgrim to Tourist – or a short history of identity. In: HALL, S.; GAY, P. du (Ed.). **Questions of Culture Identity**. London: Sage, 2011. p. 18-36.

BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

BRUCE, S. **God is Dead**: Secularization in the West. Oxford: Blackwell, 2002.

- CLARK, D. (Ed.). **The Sociology of Death: theory, culture, practice.** Oxford: Blackwell, 1993.
- DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes.** Lisboa: Temas e Debates, 2011.
- DAVIE, G. **Religion in Britain since 1945: believing without belonging.** Oxford: Blackwell, 1994.
- DAWSON, L.; COWAN, D. (Ed.). **Religion Online: finding faith on the internet.** New York: Routledge, 2004.
- DURKHEIM, É. [1912]. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1999.
- FREUD, S. **The Future of an Illusion.** Londres: Hogarth Press, 1927.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GENNEP, A.V. **The Rites of Passage.** Londres: Routledge, 1960.
- HABERMAS, J. **Mudança Estrutural na Esfera Pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HEELAS, P. **New Age Movement: the celebration of the self and the sacralization of modernity.** Oxford: Blackwell, 1996.
- HERVIEU-LÉGER, D. **Le Pèlerin et le Converti: la religion en mouvement.** Paris: Flammarion, 1999.
- _____. The role of religion in establishing social cohesion. In: KRZYSZTOF, M. (Ed.). **Religion in the New Europe.** Budapest: Central European University Press, 2006. p. 45-63.
- HUME, D. **The Natural History of Religion.** London: A. and H. Bradlaugh Bonner, 1757.
- KANT, I. [1781]. **Crítica da Razão Pura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- LYON, D. **Jesus in Disneyland: religion in postmodern times.** Cambridge: Polity, 2000.
- MARTON, S. **Nietzsche: das Forças Cóslicas aos Valores Humanos.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- NIETZSCHE, F. [1894]. **O Anticristo.** Lisboa: Edições 70, 2014.

PIERUCCI, F. **O Desencantamento do Mundo**: todos os passos do conceito de Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

POLOMA, M. **Main Street Mystics**: The Toronto Blessing and Reviving Pentecostalism. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2003.

ROCHA, C.; VÁSQUEZ, M. (Org.). **A Diáspora das Religiões Brasileiras**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

RODRIGUES, D. Athletes for Christ. In: CLARKE, P. (Ed.). **Encyclopedia of New Religious Movements**. New York: Routledge, 2006. p. 43-44.

_____. **Sociologia da Religião**: uma introdução. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

_____. **O Que é Religião?** A visão das ciências sociais. São Paulo: Editora Santuário, 2013.

_____. **O Evangélico Imigrante**: O Pentecostalismo Brasileiro Salvando a América. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

TILLICH, P. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TURNER, V.; TURNER, E. **Image and Pilgrimage in Christian Culture**: anthropological perspectives. New York: Columbia University Press, 1978.

VILAÇA, H. Pilgrims and Pilgrimages: Fatima, Santiago de Compostela and Taizé. **Nordic Journal of Religion and Society**, v. 23, n. 2, p.137-155, 2010.

WEBER, M. **The Sociology of Religion**. London: Methuen, 1922.

The Nietzsche's "Error", God is not Dead: the (dis) enchantment of the world

Abstract

From the Nietzsche's emphasis that God is dead – basic principle of the secularization – and the concept of religion, from the substantivist and functionalist perspectives, this paper addresses the contribution of some authors, classical (Marx, Weber, Durkheim, Freud) and modern (Eliade, Bourdieu, Habermas, Hervieu-Leger, Grace Davie, Heelas), in the important discussion of the (dis) enchantment of the world. Another issue considered is the role of religion in the contemporary society, in the context of a "reenchanted" world, with significant changes in the "market of symbolic goods", characterized by an individualization/privatization of faith, deterritorialization of the sacred space, religious pluralism (with new and diffused religious practices) and by the phenomenon of Pentecostalism.

Keywords: Religion. Secularization. (Dis)Enchantment of the world. Religious pluralism. Pentecostalism.

Recebido em: 01/12/2016.

Aprovado em: 22/06/2017.